



Edição 02 – Novembro de 2012
Texto recebido até Outubro de 2012
Aceito para publicação em Novembro de
2012

O LEGADO DE UMA VIDA OCIOSA: UM ESTUDO SOBRE A LITERATURA REGIONALISTA MINEIRA DE GODOFREDO RANGEL

Danyelle Marques Freire da Silva¹
Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR

RESUMO: O presente estudo pretende mostrar como o regionalismo literário mineiro está presente na obra de Godofredo Rangel. Esta temática é complexa por envolver conceitos relevantes, como regionalismo, literatura regionalista e literatura mineira. Estão entrelaçados em contextos distintos e são empregados em diversos campos, tais como literatura, debates sociais e discursos cotidianos, com diferentes fins, e reconstruídos, a cada vez, em novas perspectivas. O que teremos então são alguns apontamentos sobre esses conceitos que a literatura regionalista em geral e a mineira em especial dão a conhecer a partir da sua produção literária. O trabalho tem por objetivo fazer um estudo do conto “O legado”, do escritor mineiro Godofredo Rangel, pontuando traços característicos da literatura mineira, traços esses que Waltensir Dutra e Fausto Cunha caracterizam como: tendência à universalidade, espírito clássico e ausência de uma paisagem típica. Godofredo Rangel é um nome desconhecido das novas gerações. Nascido em Três Corações (MG), em 21 de novembro de 1884, estudou direito em São Paulo no início do século XX e se integrou a um grupo de jovens intelectuais (entre eles Monteiro Lobato e o poeta Ricardo Gonçalves), o chamado Grupo do Minarete. “O Legado” é um conto que aparece no livro *Os humildes*, publicado em 1944. Aparece também na antologia que reúne vinte e três contistas mineiros, organizada por Edgar Cavalheiro (1959), que esclarece estar o regionalismo das obras escolhidas na fixação de tipos, costumes e linguagem local, regionalismo que se vincula ao ruralismo e ao provincialismo.

PALAVRAS CHAVE: Literatura brasileira, literatura mineira, Godofredo Rangel.

ABSTRACT: The present study aims to show how literary regionalism mining is present in the work of Rangel. This issue is complex because it involves important concepts such as regionalism, regionalist literature and literature mining. Are intertwined in different contexts and are employed in various fields such as literature, social debates and everyday discourses, with different purposes, and rebuilt each time, new perspectives. What we have then, are some notes about these concepts that the regionalist literature in general and mining in particular give to know from his writing. This communication aims to make a study of the short story "The Legacy", the writer mining Rangel, scoring traits mining literature, that these traits and Fausto Cunha Dutra Waltensir characterized as: a tendency to universality, classic spirit and the absence of a typical landscape. Rangel is an unknown name of the new generations. Born in Three Hearts (MG) on November 21, 1884, studied law in St. Paul in the early twentieth century and became part of a group of young intellectuals (among them the poet Ricardo Lobato Gonçalves), the so-called Group of Minaret. "The Legacy" is a tale that appears in the book *The Humble*, published in 1944. It also appears in the anthology that brings together storytellers twenty-three miners, organized by Edgar Knight (1959), which accounts for regionalism

¹ - danyellemarques@hotmail.com



works to be chosen in setting types, local customs and language, regionalism is linked to rurality and provincialism.

KEYWORDS: Brazilian literature, literature mining, Rangel.

Godofredo Rangel é um nome desconhecido das novas gerações. Nascido em Três Corações (MG), em 21 de novembro de 1884, estudou direito em São Paulo no início do século XX e se integrou a um grupo de jovens intelectuais (entre eles Monteiro Lobato e o poeta Ricardo Gonçalves), o chamado Grupo do Minarete. “O Legado” é um conto que aparece no livro *Os Humildes*, publicado em 1944. Aparece também na antologia que reúne vinte e três contistas mineiros, organizada por Edgar Cavalheiro (1959), que esclarece estar o regionalismo das obras escolhidas na fixação de tipos, costumes e linguagem local, regionalismo que se vincula ao ruralismo e ao provincialismo.

Com a morte de seu pai, foi estudar direito em São Paulo, onde conheceu um grupo de amigos com pretensões literárias, o grupo foi chamado “Cenáculo”. Os integrantes desse grupo participavam ativamente com textos em revistas e jornais e ainda produziam periódicos de pequena tiragem com temas de interesse geral. Um desses periódicos é o chamado “*O Minarete*”, onde se encontram muitos contos e crônicas de Rangel. Entre os amigos do grupo destacam-se Monteiro Lobato e o poeta Ricardo Gonçalves.

Godofredo Rangel publicou, depois de muita insistência dos amigos, em 1920, o livro *Vida ociosa: romance da vida mineira* (2000). Logo após, em 1922, publicou o livro de contos *Andorinhas* 1922 e em 1929 a narrativa romântica *A filha*, os contos infantis *Um passeio a casa de papai Noel*, *Histórias do tempo do onça*², e em 1944 o livro de contos *Os humildes*.

Sua vida esteve dividida entre o magistério, as funções jurídicas e a atuação nas letras. As obras de Godofredo Rangel são consideradas pequenos retratos de Minas, pois registram o modo de viver do mineiro, com seus costumes mais prosaicos, acrescida das lembranças da infância e da adolescência. (LOBATO, 1950).

Em prefácio ao livro *Vida Ocioso* (2000), José Maria de Toledo Malta com pseudônimo de Hilário Tácito, caracteriza Rangel como contista. “O nosso Rangel, por sua



vez, escrevia contos. Já estudava as paisagens de Minas. Dizimava os ‘quês’ uoperabundantes dos seus manuscritos, e lia Zola.” (RANGEL, 2000, p.10).

Émile Zola foi um consagrado escritor francês, considerado criador e representante mais expressivo da escola literária naturalista além de importante figura libertária da França.

José Maria de Toledo Malta ainda esclarece:

“Folguei quanto à dizimação dos ‘quês’ e ao antigo pendor de Rangel para os aspectos mineiros, que ele pinta como verá quem o ler. Mas o caso de Zola, parece-me grave, e confesso que era bastante para me sugerir dúvidas sobre a arte de Rangel, se eu já não tivesse lido *Vida Ociosa*. Felizmente encontro aqui um coneito que é seguro indício do seu bom gosto: ‘monótono e repisado como uma página de Zola’, diz ele de uma cachoeira, onde borbulham peixes. Ora, graça! Rangel lia Zola, mas repudiou Zola. Demais, a declaração não era indispensável. (MALTA, 2000, p.11).

Malta ressalta que o estilo de Rangel, as descrições, a linguagem se apresentam com tanta ordem, clareza e honestidade de expressão que o estilo é percebido até no íntimo, ainda quando descreve sítios e paisagens que o impressionam.

Emílio Moura (1984) diz que Rangel é daqueles que aplicam uma contemplação puramente objetiva aos objetos mais insignificantes, e que, até numa cena de “interior” deixam o monumento imperecível de seu objetivismo e de sua serenidade intelectual.

No ano de 1929, o Brasil vivia uma forte crise econômica, a chamada “Crise do Café”. Esta crise veio para acabar com a chamada política do café com leite. Entre os anos de 1894 e 1930, o presidente da República foi eleito pelos paulistas barões do café num mandato, e no outro, pelos pecuaristas mineiros.

Além da queda nos preços, a crise provocou uma diminuição na renda e no consumo no mundo todo, prejudicando ainda mais as vendas de café. Na tentativa de conter a queda, o Governo Federal comprou grande parte dos estoques dos produtores, e queimou 80 milhões de sacas. Na obra *Prosa e Ficção (de 1870 a 1920)*, de Lúcia Miguel Pereira, publicada em 1988, a autora inicia o capítulo sobre regionalismo na literatura brasileira da seguinte forma: “[...] se considerarmos regionalista qualquer livro, que intencionalmente ou não, traduza peculiaridades locais, teremos que classificar desse modo a maior parte da nossa ficção” (PEREIRA, 1950, p. 18). Nesta ótica, mesmo na atualidade, quase toda a obra literária nacional seria classificada como regionalista. Desde a segunda metade do século XVIII os



escritores estavam preocupados em construir uma literatura brasileira e acabavam por traduzir para o texto literário a realidade e a linguagem locais, regionais. Nesse sentido, era regional todo texto que não era urbano

A formação das grandes cidades brasileiras surgia no mesmo período que o romance no Brasil, no século XIX. Nesse período começaram a surgir narrativas com enredo urbano. Daí em diante, de um lado ficavam as obras com o desfecho nas cidades ou tendo-a como referência, por exemplo, *A Moreninha* (1844), de Joaquim Manuel de Macedo; de outro, surgiam tramas que procuraram absorver a coloquialidade e os temas da vida interiorana, consideradas regionalistas, como *A Divina Pastora* (1847), do gaúcho Caldre Fião.

Fausto Cunha e Waltensir Dutra (1956, p. 11) acreditam que a colonização europeia havia criado necessidades culturais de caráter predominantemente europeu e que, portanto, só a Europa estava aparelhada para satisfazer. “Não se arranca a qualquer momento, do folclore e da paisagem, uma nova cultura ou uma nova raça”.

Um dos motivos para a literatura regionalista ter sido considerada secundária é o atraso social, político e econômico. O povo brasileiro só valorizava o que era exportado da Europa; apresentar os problemas das regiões mais distantes do Brasil era expor suas fraquezas e seu atraso. Cunha e Dutra não acreditam nem mesmo em uma literatura mineira: “[...] aquilo que poderá chamar-se de *realidade mineira* não foi aproveitado integralmente por nenhum de seus escritores.” (CUNHA, 1956, p. 12)

Para Fausto Cunha e Waltensir Dutra (1956, p.14), aspectos geográficos como a vastidão do Estado Mineiros e a mistura de costumes, temperamentos e outras circunstâncias com os Estados de fronteiras como Rio de Janeiro, São Paulo, Goiás e Espírito Santo marcaram e diversificaram as características dos mineiros e explicam em boa parte a tendência universalista e o espírito clássico da literatura mineira. A ausência de uma paisagem típica como a floresta amazônica ou o litoral e a emigração do nativo para diversas áreas do país e do mundo em contraste com os que vivem fieis à terra natal são alguns elementos com que equacionar o caráter subjetivo-clássico-universal do povo mineiro.

Fausto Cunha e Waltensir Dutra (1956, p. 16) também não acreditam que haja nem mesmo um regionalismo mineiro, por acreditar que o regionalismo pressupõe uma zona fisiográfica especial, e tudo o que se vê nas narrativas mineiras como as de Bernardo



Guimarães e Afonso Arinos é que a ficção sertanista abarca os Estados limítrofes como Rio de Janeiro, São Paulo, Goiás e Bahia.

Luís Augusto Fischer nos apresenta a questão por outro lado acreditando que em sentido amplo, tudo é região, dependendo do que se quer chamar de região. A menos que se aceite o critério imperialista de que há um centro, e o resto que fique girando em torno, ou que se use um critério mais amplo, fortemente consolidado, mas nem por isso menos complicado, do ponto de vista intelectual, que é o critério que opõe a cidade e a sua cultura ao campo e a sua cultura. Este último é que costuma ser a chave do debate. (FISCHER, 2003, p.46).

Francisco José de Oliveira Viana, classifica como principais características dos mineiros o amor à vida doméstica, a valorização da família e a hospitalidade na recepção dos visitantes. De acordo com o autor, o apego à família teria feito do mineiro um tipo afetuoso, agradável, atento em relação aos hóspedes. Apesar de fazer de tudo para agradar a visita, o desconfiado mineiro evitaria declarar intimidade, comportamento comum tanto aos homens do povo quanto aos da elite. (et all MURARI, 2011, p.6)

Na coletânea “Andorinhas”, de Godofredo Rangel, podemos confirmar estas características do mineiro. O conto “O legado”, conta a história de uma mulher, que à beira da morte, pede ao marido para escrever uma carta ao padrinho, rico coronel, pedindo-o para criar a única filha do casal, caso ela morresse. Só depois da resposta positiva do coronel, a mãe da pequena morre, pois, sabia que a pequenina seria bem cuidada. No final da narrativa, esquecendo o pai de entregar os brinquedos da menina e de dar-lhe a benção, ele volta à fazenda, engasgado pelas lágrimas não consegue falar com a menina que alegre brinca no terreiro. Vemos aqui o amor familiar, mesmo a beira da morte a mãe quer deixar a menina em boas mãos e sabendo que não seria capaz de cuidar bem da menina o pai a entrega ao padrinho para ser criada.

Neste mesmo conto vemos a demonstração de hospitalidade quando Cesário, o pai da menina, chega à fazenda do coronel, que insistentemente pede para que o mesmo desarreie o animal e passe a noite no local. É convidado a se assentar em cômodas poltronas de vime e servido não por criadas, mas pela própria mulher do fazendeiro.

Podemos compreender a situação acima descrita como uma manifestação extremada de lealdade à tradição cultural mineira, onde o padrinho pega a filha do afilhado para criar, num momento de perda e tristeza da parte do afilhado.



A variante entre mineiro, paulista baiano ou gaúcho, para Oliveira (1958) está na índole, no temperamento, ou, em suma, na mentalidade. O mineiro é paciente, carente, atormentado por males locais. Esse material humano é tema favorito do *romanceiro anônimo*, encontrado nas obras de Bernardo Guimarães, Afonso Arinos, Valdomiro Silveira, Camilo Chaves e outros no chamado sertanismo.

João Cabral de Melo Neto, em entrevista a Marques Gastão, no *Diário de Lisboa*, no dia 3 de maio de 1958 nos diz:

O regionalismo não é uma linguagem regional, que o inutilizaria, mas falar de problemas que estão mais próximos da pessoa que fala: a dor do homem, a alegria, as suas lutas e as suas belezas etc. Não, é claro, com a limitação de uma linguagem local, que inutiliza a expressão universal e a transmissão objetiva do conteúdo humano do poema ou do romance [...]. Apenas com aquele interesse intrínseco do humano, na valorização do humano. O que limita o regionalismo não é o tema de interesse circunscrito, mas a linguagem, com seus perigos de fixação que lhe poderá inutilizar a universalidade [...]. O que interessa é o problema do homem. Quando me bato pelo regionalismo é para mostrar, numa anedota, o local, os sentimentos comuns a todos os homens. O homem só é amplamente homem quando é regional [...]. Faulkner, por exemplo, é profundamente universal, porque é regional e nacional. [...] O perigo do regionalismo para o poeta é também a limitação da linguagem, porque o conteúdo psicológico lá está indiretamente no seu conteúdo humano. E a poesia, em geral, não é realista, ou melhor, não permite tanto realismo como o romance. (ATHAYDE, Felix)

Para construirmos um conceito de regionalismo, em literatura, precisamos entender a importância do espaço, que na literatura se sustenta muito pelo apoio do enunciado da *descrição* - comum no regionalismo. Também se apóia em outros suportes que constituem essa descrição, que são o cenário e a *história relatada*, com o seu mundo representado. Em literatura, cenário é lugar, decoração, pintura, paisagem, flora, fauna etc., mas também é *cena*, lugar onde acontecem as *ações* praticadas pelos personagens; lugar de onde se fala, componente concreto da percepção do tempo abstrato. A mudança de cenário releva mudança de ação, tempo, mesmo que simultâneo. (VICENTINE, 2007, p.190).

Dissertar sobre o regionalismo envolve relações muito complexas, que podem muitas vezes originar algumas confusões; um aspecto básico no texto regionalista refere-se a linguagem, isso nas palavras de Leite (2006) é a forma como o texto registra a expressão do “outro” rústico, tão afastado de nós, que reside no espaço rural e que frequentemente é visto



como inferior, porque diferente. Ainda de acordo com Leite, nos textos regionalistas, em especial os que antecederam o modernismo, pode-se notar a oposição entre a expressão da personagem regional normalmente não policiada, próxima à oralidade, com traços dialetais, às vezes meio deformadas apresentada de modo anedótico e a expressão do narrador culto (policiada, formal, elaborada em um português castiço, que demonstra certa erudição). Esse vazio, essa descontinuidade que há entre as duas formas de expressão é bem visível, por exemplo, no conto, *No Sertão*, do livro *Os Humildes* (1944) de Godofredo Rangel.

Em uma conversa entre o camarada e o patrão que caminhavam pelo oeste de mineiro o patrão pergunta ao camarada de nome Birro:

- Birro! Perguntei, onde começa o sertão?
- Ele ficou reflexivo, e depois, sorrindo, disse:
- Homem, patrão, não sei. Gente de Cássia que vai para Uberaba, diz: “Vou p’ro sertão”. Para Uberaba é aqui; p’ra nós “Paracatú e Goiás, e lá eles ainda é mais longe.
- De sorte que o sertão não existe, repliquei.
- O camarada atrapalhou-se.
- Existir, existe... Cá para mim, patrão, sertão é onde há índios bravos.
- E aqui não há índios?
- Birro as vezes, tem respostas adoráveis:
- Não... Isto é, há só dois, mas índios mansos... Por sinal que estão presos, a cidade, para responder a júri por crime de morte. (RANGEL, 1944, p.242,243)

O conto narra a história de dois homens, um patrão e o outro empregado que estão de viagem pelo sertão de Minas, não é narrado o destino dos viajantes, mas podemos identificar o patrão como o próprio autor, pois, em determinado momento, quando os personagens chegam a uma casinha perdida no sertão, cercada por altos brancos, construída em forma de capela, protegida por um portão gradeado e identificada pelo personagem principal como um cemitério abandonado, adiante, o autor personagem lembra-se do poeta Ricardo Gonçalves: “Aquele doçura talvez nos tomasse uma agradável exaltação melancólica, que nos levaria a dizer versos. Lembrar-nos-íamos, talvez, do túmulo que Ricardo Gonçalves sonhara.” Ricardo Gonçalves morou com Godofredo Rangel no Minarete, república de estudantes no bairro Belenzinho, lá formaram o grupo de literários conhecido como “Cenáculo.”

Dáí então, podemos identificar nesta passagem do conto de Rangel claramente a oposição entre a expressão da personagem regional - o empregado - que usa um palavreado



que Leite (2006) classifica como não policiada, próxima à oralidade, as vezes meio deformadas (...) apresentada de modo anedótico e o narrador culto – no conto o autor personagem, o patrão - que Leite (2006) diz ser o possuidor de uma fala policiada, formal, elaborada em um português castiço, que demonstra certa erudição.

Para desenvolver este estudo firmamo-nos na pergunta de Alberto Moreira, que propõe a questão do privilégio epistemológico: de qual lugar geocultural hoje interessa falar para a obtenção de uma crítica re-formada? (MOREIRAS, 2001, p. 206-210).

A partir dessa pergunta, o próprio entendimento sobre “região” precisa ser revisitado. Precisamos entendê-la como parte de um processo, em que a relação entre região, espaço e representação, compreendida no texto e nas demais manifestações culturais, conjeture as diversificadas maneiras de representação. Segundo SANTOS (*apud* KALIMAN, 1994, p.53) a região deixa de ser um espaço natural, com fronteiras naturais, pois é, antes de tudo, um espaço construído por decisão arbitrária, política, social, econômica, ou de outra ordem qualquer que não, necessariamente, cultural e literária.

Deve-se pontuar a confusão da questão. A crítica cultural atual recoloca tanto a temática do nacionalismo como a do regionalismo, distinguindo uma disparidade no elemento regional brasileiro, por exemplo, que propõe estabelecimento de linguagens próprias. De modo geral, como afirma Paulo Sérgio Nolasco dos Santos (2009), os pesquisadores do regionalismo têm enfatizado cada vez mais a atribuição e modernização do regionalismo, que não se tornou classe ultrapassada. Desta forma um olhar reflexivo verifica que o regionalismo *stricto sensu* é representado ainda hoje por meio das características de uma determinada região, vista em oposição às demais ou ao todo nacional, tanto em consequência de um fundo natural – clima, topografia, flora, fauna, etc. – como principalmente pelo modo como os costumes de uma sociedade humana, numa determinada região, tornaram-na diferente das demais. A arte regionalista, assim, procuraria manifestar uma “substância” do local, ressaltando as formas diferenciais que a assinalam enquanto regional. (DINIZ; COELHO, 2005, p. 416-417).

Sob essa ótica entendemos que os contos de Rangel analisados neste trabalho, enquanto estudado à luz dos acontecimentos históricos da época, caracterizam-se como regionalista mineiro, tanto pelo espaço em que se ambienta, rural, quanto pela fala local que o autor insere na narrativa.



Edição 02 – Novembro de 2012
Texto recebido até Outubro de 2012
Aceito para publicação em Novembro de 2012

Referências bibliográficas

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. 378p.

ATHAYDE, Félix de. *Idéias Fixas de João Cabral de Melo Neto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira / Fundação Biblioteca Nacional / Universidade de Mogi das Cruzes, 1998.

BONIATTI, Ilva M. *Literatura comparada: memória e região*. Caxias do Sul: EDUCS, 2000,125p.

CANDIDO, Antonio. *Textos de intervenção*. Org. Vinicius Dantas. São Paulo: Editora 34, 2002.

CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: cozinhar e morar*. Petrópolis: Vozes, 1996.

CUNHA, Fausto; DUTRA, Waltensir. *Biografia crítica das letras mineiras*. Rio de Janeiro: INL-MEC, 1956.

DINIS, Dilma C. B. ; Coelho, Haydée R. *Regionalismo*. In: FIGUEIREDO, E. (Org.) *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora 2005. p.415-433.

FISCHER, Luís Augusto. *Literatura brasileira: modos de usar*. São Paulo: Abril, 2003.

GOVERNO DE MINAS GERAIS. Conheça Minas. Disponível em: <
<http://www.mg.gov.br/governomg/portal/m/governomg/conheca-minas/5658-literatura/5146/5044>
<http://www.mg.gov.br/governomg/portal/m/governomg/conheca-minas/5658-literatura/5146/5044>>. Acesso em: 05 de nov. de 2011



Edição 02 – Novembro de 2012
Texto recebido até Outubro de 2012
Aceito para publicação em Novembro de
2012

LEITE, Sylvia H. T. de A. *Valdomiro Silveira e o regionalismo na literatura brasileira*. Itinerário, Araraquara, n. 13, 1998.

LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1950.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. São Paulo: Saraiva, 1969.

MOREIRAS, Alberto. *A exaustão da diferença: a política dos estudos culturais latino-americanos*, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

MURARI, Lucia. *Discurso sociológico e ficção literária: Diálogos virtuais entre Oliveira Viana e os escritores regionalistas*. XII Congresso Internacional da ABRALIC. Curitiba. 2011.

PEREIRA, Lucia Miguel. *Prosa de Ficção – de 1870 a 1920*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988

RANGEL, Godofredo. *Andorinhas*. Monteiro Lobato & Cia [1929-].

_____. *Os humildes*. Editora Universitária. São Paulo, 1944.

_____. *Vida ociosa*. Rio de Janeiro: Casa da Palavras, 2000.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco. *Fronteiras do local: O conceito de regionalismo nas literaturas da América Latina*. Revista de Literatura, História e Memória. v. 5, nº. 5, p.47,61. 2009

VALLONE, Giuliana. Crise de 1929 atingiu economia e mudou a ordem política no Brasil. Disponível em:

<[http://www.revistacafeicultura.com.br/index.php?tipo=ler&mat=27265&crise-de-1929-atingiu-economia-e-mudou-a-ordem-politica-no-](http://www.revistacafeicultura.com.br/index.php?tipo=ler&mat=27265&crise-de-1929-atingiu-economia-e-mudou-a-ordem-politica-no)



Edição 02 – Novembro de 2012
Texto recebido até Outubro de 2012
Aceito para publicação em Novembro de
2012

brasil<http://www.revistacafeicultura.com.br/index.php?tipo=ler&mat=27265&crise-de-1929-atingiu-economia-e-mudou-a-ordem-politica-no-brasil>>. Acesso: 05/11/2011 às 17:02

VICENTINI, Albertina. *Regionalismo literário e sentidos do sertão*. In: *Sociedade e Cultura*, v. 10, n. 2, p. 187-196, jul./dez. 2007